

# FASCISMO: UMA ANÁLISE DO PASSADO PARA COMPREENSÃO DO PRESENTE

## FASCISM: AN ANALYSIS OF THE PAST TO UNDERSTAND THIS MOMENT

<sup>1</sup> VASCONCELOS, J.M. <sup>2</sup>YAMAMOTO, M.T.M. <sup>3</sup>MACHADO JUNIOR, L.B.S.

<sup>1;2;3</sup>Departamento de Psicologia– Centro Universitário das  
Faculdades Integradas de Ourinhos- UNIFIO

### RESUMO

Este trabalho terá como objetivo central delinear uma reflexão teórico-crítica a respeito do que é o fascismo, seu contexto histórico e suas características. Pretende-se analisar por meio da obra "Psicologia de massas do fascismo" de Reich, o papel da repressão sexual, bem como da família e da igreja, a identificação com a figura de autoridade e a escolha de um inimigo em comum. Conjuntamente com a contribuição de Arendt com suas obras "Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal" e "A origem do totalitarismo", proporcionando uma reflexão a respeito da moral e da naturalização de práticas cruéis. Por fim foi realizada uma análise social baseada na obra de Stanley "Como funciona o fascismo - a política do "Nós" e "Eles"" que traz o fascismo nos dias de hoje, as maneiras como se manifesta e conclui-se com as possíveis formas de combatê-lo.

**Palavras-chave:** Fascismo. Totalitarismo. Repressão Sexual; Moral.

### ABSTRACT

This job will have central objective outline a theoretical-critical reflection about what it is fascism, its historical context and characteristics. It is intended to analyze through Reich's "Mass Psychology of Fascism", the sexual repression role as well as family and church, identification with the authority figure, and choosing a common enemy. In conjunction with Arendt's contribution to his works "Eichmann in Jerusalem: A Report on the Banality of Evil" and "The Origin of Totalitarianism", providing a reflection in the moral and cruel practices naturalization. Finally, social analysis based on Stanley's work "How Fascism Works - the Politics of 'We' and 'Them'", that brings fascism these days, the ways in which manifests itself and concludes with the possible ways to combat it.

**Keywords:** Fascism. Totalitarianism. Sexual Repression. Moral.

### INTRODUÇÃO

Comumente ouvimos falar sobre fascismo durante conversas, notícias e até mesmo no meio acadêmico, entretanto nem sempre o associamos a seu real significado, ou deixamos de questionar sua origem e de recordar o que realmente aconteceu.

O fascismo é um regime político que teve sua ascensão no período entre guerras. Com a Europa pós Primeira Guerra que o fascismo e o nazismo vão se estabelecer e expandir. O fascismo é caracterizado pelo nacionalismo exacerbado, no qual a nação está acima de tudo, pelo totalitarismo, o Estado controla todos os setores da nação, pelo unipartidarismo, desprezando a democracia, pelo culto ao

líder, o qual é considerado o grande guia da nação, pelo anticomunismo e pelo militarismo (PINTO, 2006).

Dentre as marcas que o fascismo pode deixar, está a violência como principal forma de se relacionar, a presença de muita desigualdade, perseguições, tudo aquilo que é diferente do esperado pela maioria é combatido por meio da força, não há espaço para a diferença (CARVALHO, 2007).

Reich em “Psicologia de massas do fascismo”, dedicou-se a estudar o comportamento das massas diante do movimento fascista definindo-o como “a expressão da estrutura irracional do caráter do homem médio, cujas necessidades biológicas primárias e cujos impulsos têm sido reprimidos há milênios” (1988, p.8). O autor discute o fenômeno como estando diretamente ligado à repressão sexual sofrida desde o nascimento, pois o homem médio em sua própria natureza é responsável e atencioso, mas ao ser afastado do seu estado biológico e natural, é direcionado a reprimir esses conteúdos dando espaço a impulsos cruéis e invejosos, ocorrendo uma transformação despertada socialmente na qual os impulsos naturais tornam-se impiedosos, impedindo a expressão de modos de vida autênticos.

Um fator de grande valor para essa transformação é o papel que a família desempenha, pois segundo Reich (1988), nela acontece a combinação entre as estruturas econômica e sexual da sociedade (mais tarde essa função será da igreja). “O Estado autoritário tem o maior interesse na família autoritária; ela transformou-se numa fábrica onde as estruturas e ideologias do Estado são moldadas” (REICH, 1988, p.45). A família funciona como uma miniatura do Estado autoritário ao tratar de moldar o sujeito àquilo que se espera socialmente dele, agindo contra os impulsos sexuais, internalizando-os como errados ou pecaminosos, tornando o sujeito submisso, retirando sua capacidade de agir, refletir e criticar para que se adapte à ordem autoritária, apesar da humilhação.

Os pais se identificam com a moral autoritária, e vão exigir que essa moral seja respeitada por seus filhos, que se frustraram por seus impulsos primários, que os faz se sentir culpados e se verão na ameaça de perder o amor dessas figuras parentais. Para que possam ter o amor dessas figuras, os filhos devem recalcar sua sexualidade. Como são figuras que eles amam, esses valores autoritários e repressores são vistos como necessários e desejáveis. A figura do pai é o exemplo a ser seguido, e a figura da mãe é a de imaculável, daí surge a admiração por figuras autoritárias.

O grande papel da repressão sexual é manter os modelos autoritários e garantir que o indivíduo da massa seja passivo e apolítico, e, mais que isso, que busque a pureza moral e ao ter seus impulsos sexuais reprimidos, passa a querer reprimir o dos outros atuando a favor do que o Estado deseja.

É nesse contexto que se insere o amor a figuras de autoridade, o pai representa a figura de integridade, assim, quanto maior a dificuldade econômica que vivemos, maior será a busca por uma figura de pai, que represente essa moral. Podemos associar a identificação pela figura da mãe na fidelidade à pátria. Dessa forma, para manter esse sistema funcionando, os regimes totalitários fomentaram o moralismo sexual, a pureza da sexualidade e a moral sexual.

A população denominada classe média, em fenômenos como o fascismo ganha força querendo ser identificada aos dominadores e com receio de ser associada ao proletariado estabelece o que é definido por Reich (1988) de clivagem, que consiste na separação entre as condições econômicas concretas de uma classe e a ideologia vivenciada por esta. Apesar de as condições econômicas da classe média não serem das melhores, sua ideologia é a da classe dominante. Portanto o que torna possível a clivagem da classe média é a identificação com os dominadores, a irracionalidade de suas convicções e a moral autoritária.

Reich (1988, p.13) afirma “a mentalidade fascista é a mentalidade do “Zé Ninguém”, que é subjugado, sedento de autoridade e, ao mesmo tempo, revoltado” o indivíduo fascista insiste em defender a moral da família, da nação e da raça, a qualquer custo, mas não vai em busca de respostas práticas porque tudo é percebido por ele como reflexo da ideologia, sua revolta não o move para mudanças, apenas para impor seus costumes e moral aos outros.

Outra característica necessária à ascensão do fascismo é a escolha de um inimigo em comum. Coloca-se todas as causas dos problemas em um grupo, vai criando-se um sentimento de ódio por este e então busca-se eliminá-lo como resolução (REICH, 1988). Assim como no regime fascista da Itália, o inimigo escolhido foram as minorias étnicas e os comunistas, e na Alemanha os judeus e outras minorias como homossexuais, negros etc.

O fascismo só consegue ser de fato implantado quando o objetivo do líder torna-se o objetivo da massa, de acordo com Reich (1988, p. 48) “quando a sua visão individual, a sua ideologia ou o seu programa encontram eco na estrutura média de uma ampla camada de indivíduos”, por isso os principais apoiadores são a classe

média baixa, pois se identificam com um líder que se apresenta como um homem mediano e possui os mesmos ideais e traços de personalidade.

## **METODOLOGIA**

A realização desta pesquisa se constituiu por meio de estudos bibliográficos elaborados por meio de livros, periódicos e artigos científicos, o estudo foi embasado principalmente nos autores Reich, Arendt e Stanley, que contribuíram com suas concepções acerca dos mecanismos e características do fascismo.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Faz-se necessário compreender que o fascismo não é um fenômeno específico da Itália e Alemanha, mas diz de elementos que constituem a estrutura de todos nós, pessoas comuns, Reich (1998, p.12) ressalta “o fascismo é um fenômeno internacional que permeia todos os corpos da sociedade humana de todas as nações, é o somatório de todas as reações irracionais do caráter do homem médio”.

Hannah Arendt (2006) apresenta o julgamento de Eichmann, um homem comum que trabalhou durante o regime nazista levando os judeus para os campos de concentração. A autora foi convidada a escrever sobre, e, ao analisar a situação, salienta que a grande lição é a respeito da banalidade do mal. Para ela, ao observarmos Eichmann veríamos que ele não era um homem mau, mas uma pessoa normal, que só estava fazendo o seu trabalho. Para as pessoas envolvidas no fascismo e no nazismo, tudo o que acontecia era algo banal, elas já não enxergavam o mal, apenas tarefas a cumprirem.

A história reitera que através de grandes figuras conseguimos entender os movimentos trágicos, porém para Reich (1988) os movimentos trágicos precisam ser entendidos a partir de nomes comuns.

Tais períodos nos mostram a importância de refletir sobre o passado, pois uma sociedade que produz pessoas que obedecem a ordens, cumprem as leis, que não param para refletir e pensar, é uma sociedade suscetível a estar em um regime fascista sem que se perceba. Arendt (2006) deixa visível que durante o julgamento, Eichmann dizia que estava apenas obedecendo a ordens, como um bom homem que segue as leis, percebe-se que ele obedecia apenas porque lhe era mandado, e não porque estava em conformidade com sua consciência.

A autora argumenta que durante o julgamento ele apenas dizia frases prontas, clichês, era uma pessoa incapaz de pensar sozinho. Sendo assim uma pessoa suscetível a participar de um governo totalitário. Durante o julgamento lembrava de momentos de ascensão na carreira, Eichmann era uma pessoa que queria ascensão social, que trabalhou para o governo buscando ascensão na carreira militar, e não por questões ideológicas.

O fato de apenas reproduzir o mal sem questionar o lugar em que estava ocupando é denominado por Arendt (2006) como o mal banal, corriqueiro, e não um mal radical. Ele era um homem normal, que não pensava sozinho, repetia frases prontas, obedecia a ordens e almejava ascensão social. Uma pessoa que estava em um regime nazista, sem perceber as atrocidades que fazia.

Arendt nos traz a reflexão sobre a moralidade, que muitas vezes a vemos como atrelada a fazer o bem, e não fazer o mal. Entretanto observamos que o que deu base para a crueldade do regime nazista foi a submissão como virtude, a obediência a nação, a irreflexão.

O totalitarismo faz uso de mecanismos para submeter os indivíduos sem que se perceba, em sua sutileza, para Arendt (2013) esse movimento age através da forte propaganda de forma psicológica, potencializando o fanatismo e eliminando motivações individuais e políticas. Desta forma o totalitarismo exclui as características próprias de cada pessoa, abolindo os individualismos.

O fanatismo que abarca o totalitarismo faz com que as pessoas se tornem inatingíveis por argumentos, experiências e dados empíricos, prega a destruição de qualquer argumentação que possa questioná-la, e o sujeito está tão envolvido que o encara como algo normal.

A figura do líder é apontada por Arendt (2013) como se fosse onipresente e onipotente. Mesmo que de forma física ele não consiga estar presente em todos os lugares, seus seguidores o representam, repetindo seus discursos, e aniquilando aqueles que vão contra suas ideias e seus ideais.

De acordo com Arendt (2013), o poder totalitário está atrelado a violência, o que nos foi extremamente visível no fascismo e no nazismo, portanto esse poder não permite qualquer forma de democracia. Para a autora o medo aniquila as relações humanas pela destruição da liberdade, as pessoas são tomadas pelo terror, e não percebem que sua liberdade está sendo extinta.

Complementa ainda que o totalitarismo fez com que surgisse um mundo com valores invertidos, os princípios básicos da sociedade foram destruídos. Observamos que até mesmo a vida humana perdeu todo seu valor, enormes campos de concentração foram criados sem que a sociedade se abalasse com o que estava acontecendo.

Sendo assim, diante desses fatos notamos a necessidade de considerar o fascismo não apenas como um fenômeno que ocorreu no passado, mas que está presente em nós, devemos refletir e desconstruí-lo para que não se repita.

### **CONCLUSÃO**

Nos dias de hoje, vemos crescer figuras de totalitárias em diversos países ao longo do mundo, de acordo com Stanley (2018) “nos últimos anos, diversos países de todos os cantos do mundo foram acometidos por uma espécie de nacionalismo de extrema-direita. A lista inclui Rússia, Hungria, Polônia, Índia, Turquia, Estados Unidos”, inclusive no Brasil, onde a extrema-direita, o conservadorismo e o apelo aos militares tem ganhado força (Löwy, 2015).

Dentre as características do fascismo, Stanley (2018) ressalta principalmente o ultranacionalismo étnico, religioso e cultural declarado pelo líder que utiliza seu poder para falar em nome da nação que representa, assim, ele aponta que Donald Trump declarou em seu discurso na Convenção Nacional Republicana em julho de 2016, “eu sou sua voz” (STANLEY, 2018, s/p).

Trata-se de uma política embasada na desumanização de determinados grupos da população, como homossexuais, imigrantes, entre outros. Assim como apresenta Stanley (2015, s/p) “ao excluir esses grupos, limita a capacidade de empatia entre outros cidadãos, levando à justificação do tratamento desumano, da repressão da liberdade, da prisão em massa e da expulsão, até, o extermínio generalizado”.

Para Stanley (2018), o principal objetivo é a divisão da população em “nós” e “eles”, são divisões feitas a partir das diferenças, como a etnia, religião, raça, e até modos de pensar; essa distinção desempenha seu papel para moldar a ideologia, e assim moldar a política.

Outro ponto importante é a maneira como as informações e a história é tratada em políticas como essa, Stanley (2018, s/p) ressalta: “Os políticos fascistas justificam suas idéias ao aniquilar um senso comum de história, criando um passado mítico para

respaldar sua visão de presente”. Eles modificam a compreensão geral sobre fatos históricos, dados e informações, distorcendo-os para que se acredite naquilo que convém a eles, por meio de propagandas e promovendo o anti-intelectualíssimo, contestando tudo aquilo que possa argumentar contra suas idéias e atacando as universidades e sistemas educacionais.

O autor afirma ainda: “Depois de um tempo, com essas técnicas, a política fascista acaba por criar um estado de irrealidade, em que as teorias da conspiração e as notícias falsas tomam o lugar do debate fundamentado” (STANLEY, 2018, s/p).

Uma outra característica do fascismo é o crescimento econômico em detrimento dos direitos dos trabalhadores, tal como vemos hoje a redução salários paralelamente ao aumento da jornada de trabalho, o adiamento a aposentadoria, e a diminuição indenizações, retornando a idéia do “arrocho salarial” estabelecida por Mussolini na Itália fascista de 1926 (CARVALHO, 2007).

Não se trata apenas de uma crise política, mas de uma crise cultural, tal como escreve Pierucci (1987) as pessoas estão abandonadas e desorientadas em uma crise complexa. Dizem ser religiosas ao mesmo tempo em que acham desnecessários direitos humanos, defendem o espaço e a autonomia da mulher, quando também criticam seus direitos sobre seus corpos. Pregam a caridade, mas não aceitam refugiados que buscam a sobrevivência. Estão confusos e desamparados.

Sendo assim, Reich (1988) ressalta que para combatermos o fascismo não devemos criar manobras políticas, mas devemos dar a verdadeira importância a organização do trabalho, do amor e do conhecimento, são aspectos ignorados por nós: “Na nossa sociedade, o trabalho, o amor e o conhecimento não são ainda a força determinante da existência humana. E mais: essas grandes forças do princípio positivo da vida não estão ainda conscientes do seu poder, do seu valor insubstituível” (REICH, 1988, p.14). Essa consciência seria a possibilidade de resgatar o nosso ser social.

## REFERÊNCIAS

ARENDT, H. **Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal**. Editora Companhia das Letras, 2006.

ARENDT, H. **Origens do totalitarismo: antissemitismo, imperialismo, totalitarismo**. Editora Companhia das Letras, 2013.

CARVALHO, P. C. **O Fascismo e o nazismo**. CIARI- Centro de Investigação, 2007.

LÖWY, M. Conservadorismo e extrema-direita na Europa e no Brasil. **Serviço Social e Sociedade**, São Paulo, n. 124, p. 652-664, out./dez. 2015.

PIERUCCI, A. F. As bases da nova direita. 1987. Disponível em:  
<[https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/42687204/As\\_bases\\_da\\_nova\\_direita\\_-\\_Pierucci.pdf?response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DAS\\_BASES\\_DA\\_NOVA\\_DIREITA\\_-\\_Antonio\\_Flavi.pdf&X-Amz-Algorithm=AWS4-HMAC-SHA256&X-Amz-Credential=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A%2F20190909%2Fus-east-1%2Fs3%2Faws4\\_request&X-Amz-Date=20190909T163318Z&X-Amz-Expires=3600&X-Amz-SignedHeaders=host&X-Amz-Signature=b99f44003db5e65ddd2ed63727c8434de06d2b1214996022d46806dddde3c9c0](https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/42687204/As_bases_da_nova_direita_-_Pierucci.pdf?response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DAS_BASES_DA_NOVA_DIREITA_-_Antonio_Flavi.pdf&X-Amz-Algorithm=AWS4-HMAC-SHA256&X-Amz-Credential=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A%2F20190909%2Fus-east-1%2Fs3%2Faws4_request&X-Amz-Date=20190909T163318Z&X-Amz-Expires=3600&X-Amz-SignedHeaders=host&X-Amz-Signature=b99f44003db5e65ddd2ed63727c8434de06d2b1214996022d46806dddde3c9c0)>. Acesso em: 26 agos. 2019.

PINTO, A. C. De regresso ao fascismo. **Análise Social**, n. 179, p. 611-627, 2006.

REICH, W. **Psicologia de massas do fascismo**. Martins fontes: São Paulos, 2 ed. 1988.

STANLEY, J. **Como funciona o fascismo - a política do “Nós” e “Eles”**. Brasil:L&PM Editores, 1 ed. 2018.